

Livros

*Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas**

de David Harvey, Slavoj Žižek, Tariq Ali et al.

Primavera árabe e ocupações pelo mundo: um novo marco para a práxis transformadora

The Arab Spring and occupations worldwide: a new framework for transformational praxis

por Rafael Bellan Rodrigues de Souza**

As manifestações que tomaram as praças e ruas pelo mundo em 2011 introduziram no pensamento crítico novas questões a serem exploradas, principalmente em torno de seu real papel enquanto parte de um projeto emancipatório. Produzida no desenhar dos acontecimentos, a coletânea *Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas* foi publicada tendo como finalidade contribuir com as lutas dos movimentos sociais em todo o país, ou seja, é uma obra de claro viés intervencionista. O livro é uma parceria entre a Boitempo Editorial e o site Carta Maior, que reduziram ao máximo os custos do livro (R\$ 10,00) para que o militante social tivesse disponibilidade de usufruir dos importantes debates resgatados dos acontecimentos que transformaram 2011 em um marco das lutas sociais, ainda sob efeito da avalanche da crise econômica de 2008. O movimento que começou no Egito e avançou pela Tunísia, Líbia, Espanha, Grécia e nos subúrbios de Londres, chegando até o *Occupy* em Nova York, ainda não perdeu o fôlego e, se depender dos autores deste livro, não perderá tão cedo. A publicação é uma arma de combate em tempos de incertezas.

*São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

**Doutor em Sociologia pela Unesp/Araraquara e professor do curso de Comunicação Social - Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia da Universidade Federal do Amazonas. End. eletrônico: rafaelbellan@yahoo.com.br

Os textos são de autoria de alguns dos maiores expoentes da esquerda intelectual de nossos dias: David Harvey, Slavoj Žižek, Mike Davis, Tariq Ali, Immanuel Wallerstein. E também conta com a opinião dos brasileiros Giovanni Alves, Emir Sader, Vladimir Safatle, Edson Teles, Henrique Soares Carneiro e João Alexandre Peschanski. O foco dos ensaios é um só: a mobilização que tomou conta das ruas em 2011, da primavera árabe, passando pelo movimento estudantil chileno, aos processos de ocupação de espaços públicos dados pelo *Occupy Wall Street*, exemplo seguido em várias outras regiões do globo. Até mesmo o massacre de Pinheirinho (expulsão violenta de 1600 famílias pela Polícia Militar em São José dos Campos – SP) ganha relevo, em texto de Edson Teles.

O livro, embora irregular nas análises, nos traz preciosidades, como o discurso feito por Žižek no Central Park, para o *Occupy Wall Street*, agora transformado em texto. O psicanalista marxista (e lacaniano) é um dos principais expoentes do pensamento crítico contemporâneo, conseguindo por meio de suas análises polêmicas ganhar espaço, até então inexistente, na mídia convencional. Aqui, ele nos mostra que as manifestações que tomaram as ruas, talvez seja a resposta de um problema oculto e não a pergunta sobre o que fazer. Quando esse movimento, de face jovem, descobrir o que os leva às manifestações, talvez seja o início da articulação de um programa político, algo imprescindível à tarefa de mudar o mundo. A chave da liberdade “(...) reside na rede ‘apolítica’ das relações sociais, desde o mercado até a família, em que a mudança necessária, se quisermos melhoria efetiva, não é a reforma política, mas a transformação nas relações sociais “apolíticas” de produção” (2012, p. 22).

O brasileiro Vladimir Safatle, na esteira de Žižek, também foi para as ruas dar sua contribuição e, em um pronunciamento ao *Occupy* São Paulo, tratou da importância do pensamento para a realização de mudanças, principalmente quando essas ideias são postas em movimento. O filósofo alerta-nos também contra o sistema político em geral, e o risco da partidarização dos manifestantes, já que a institucionalização não dá vazão aos protestos intensos que ganharam destaque em 2011. Identificando que ações como as desenvolvidas pelo *Occupy* são dinâmicas e descentralizadas, sendo mais flexíveis e democráticas, Safatle evidencia também as dificuldades em sua gestão. Estar dentro do jogo, como quer as ações partidárias, exige concessões que tiram parte do poder de fogo dos militantes. Conservar o espaço fora dessas regras amplia a capacidade de pressão coletiva.

O otimismo que cerca o fascínio pelas novas formas de política de massas que surgiram com as mobilizações referidas, contudo, não pode, na visão de Giovanni Alves, ficar presa na esfera cotidiana. Ocupar o *Wall Street* é impactante, mas, e depois? A capacidade crítica de dizer “não” e se mover contra o *status quo* não necessariamente colocam esses protestos dentro do escopo

de um necessário movimento de massas emancipatório capaz de enfrentar o sistema sociometabólico do capital. A condição de proletariedade dada pelos multifacetados grupos que se vinculam à luta dos 99% contra os 1% que mandam no mundo (slogan do *Occupy Wall Street*), traz uma radicalidade que resgata o projeto comunista do limbo, algo já visível desde a profunda crise econômica que permitiu o maior roubo da história: uso de recursos públicos para salvar os bancos e empresas falidas ao redor do globo.

Já Mike Davis anima-se com a potencialidade dada pelos protestos do *Occupy*. O direcionamento ideológico e moral que surge com as manifestações o permite lembrar dos ensinamentos de seus antepassados grevistas. “Pare e dê carona a uma família. Jamais fure uma greve trabalhista, mesmo se sua família não puder pagar o aluguel. Compartilhe seu último cigarro com um estranho. Roube leite quando não houver para seus filhos e dê metade para as crianças do vizinho” (2012, p. 42). Esse viés moral, para Davis, auxilia os reais avanços que o movimento pode realizar: democratizar e ocupar produtivamente o espaço público. Realizando um divertido paralelo com o filme de John Carpenter, “Eles vivem” (1988), Davis enxerga nos protestos um embate entre “banqueiros milionários e ricos midiocratas” contra os desesperançosos da “pulverizada classe trabalhadora”, que devem assumir logo seu papel enquanto um coletivo que deve “quebrar tudo”. Afinal, em suas palavras, não dá para levantar um para-raios e achar a queda de um relâmpago fato surpreendente...

E a novidade dada pelo movimento, o uso das redes sociais, em especial o Twitter e o Facebook, como ferramentas da luta? David Harvey diz que esse poder digital não deve ser superestimado: “o poder coletivo de corpos no espaço público continua sendo o instrumento mais efetivo de oposição quando o acesso a todos os outros meios está bloqueado” (2012, p. 61). Para o geógrafo, a visão da praça Tahrir (Egito) com milhares de pessoas engajadas unidas mostrou ao mundo uma verdade “óbvia”: “são os corpos nas ruas e praças, não o balbucio de sentimentos no Twitter ou Facebook, que realmente importam” (2012, p. 61). Ele apela aos intelectuais que escolham um lado nessa luta global do povo contra o Partido de *Wall Street*. E que essa luta encontre forma nas ruas.

Os ensaios contidos nesse breve, mas instigante livro, contribuem para a atualização do debate em torno das saídas possíveis à situação de densa miserabilidade e desigualdades sociais geradas pela nova fase do sistema do capital. Trata da necessidade de ir às ruas, colocar na ordem do dia atos públicos contra a ordem. Refletir sobre as experiências que explodiram nas ruas em 2011, se torna fundamental para a rearticulação de um movimento de massas em nível global, único capaz de enfrentar as intempéries de uma sociedade que abre cada dia mais concessões à barbárie social.